

# Qualidade de vida e saúde dos professores de educação básica: discussão do tema e revisão de investigações

## Quality of life and health for elementary education teachers: discussion and review of investigations

PEREIRA EF, TEIXEIRA CS, SANTOS A, LOPES AS, MERINO EAD. Qualidade de vida e saúde dos professores de educação básica: discussão do tema e revisão de investigações. **R. bras. Ci. e Mov** 2009;17(2):100-107.

**RESUMO:** Os professores formam uma categoria profissional exposta a grandes riscos psicossociais, sendo que as condições de trabalho docente têm sido associadas a perdas na saúde e na qualidade de vida. Este estudo objetivou realizar uma discussão teórica sobre o tema e apresentar uma revisão de estudos. As bases de dados Scielo, PubMed/Medline e Lilacs foram consultadas. Identificou-se que a maior parte dos estudos encontrados nessas bases foi realizada com amostras brasileiras. Estudos com professores dos estados da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul formam a maior parte das pesquisas encontradas. Os principais instrumentos de pesquisa utilizados foram a *Job Content Questionnaire* e a *Self-Reporting Questionnaire*. Altas prevalências de alguns desfechos em saúde foram observadas na maior parte dos estudos com destaque para *burnout*, distúrbios psíquicos menores como nervosismo e ansiedade, problemas osteomioarticulares e com a voz. As condições de trabalho, o tempo de magistério e mesmo a violência na escola foram alguns dos fatores associados a esses distúrbios. Os resultados dos estudos internacionais confirmam os dados brasileiros. Foi possível identificar que muitas realidades brasileiras ainda não foram investigadas. Observou-se uma lacuna na literatura no que tange a políticas públicas e implementação de intervenções no ambiente escolar e na organização do trabalho dos professores.

**Palavras-chave:** Trabalho; Doenças profissionais; Educação em saúde.

**ABSTRACT:** Teachers form a professional category which exposes its members to great psycho-social risks, considering the work conditions of the teacher have been associated with worsened health and quality of life. The objective this study was to present a theoretical discussion on the topic and a review of studies. The databases Scielo, PubMed, Medline and Lilacs were consulted. We identified that most studies found in databases was performed with Brazilian samples. Studies with teachers from the states of Bahia, Minas Gerais, São Paulo and Rio Grande do Sul form the majority of research found. The main instruments were used to search the *Job Content Questionnaire* and *Self-Reporting Questionnaire*. The high prevalence of health outcomes observed in most studies were associated with burnout, *minor psychiatric disorders* such as nervousness and anxiety, problems with voice and musculoskeletal. Working conditions, the time for teaching and even in school and violence were among the factors associated with these disorders. The results of international studies confirm the Brazilian data and was identified that many Brazilian realities have not been investigated. We observed a gap in the literature with regard to public policies and implementation of interventions in the school environment and organization of work of teachers.

**Key Words:** Quality of life; Work; Occupational diseases; Health education.

Érico F. Pereira<sup>1</sup>  
Clarissa S. Teixeira  
Anderlei dos Santos<sup>2</sup>  
Adair da S. Lopes<sup>3</sup>  
Eugenio A. D. Merino<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Paraná

<sup>2</sup>Pontifícia Universidade Católica do Paraná

<sup>3</sup>Universidade Federal de Santa Catarina

Enviado em: 15/07/2009  
Aceito em: 28/05/2010

Contato: Érico Felden Pereira - [ericofelden@gmail.com](mailto:ericofelden@gmail.com)

**Qualidade de vida e saúde de professores**

Recorrendo-se à etimologia do termo qualidade, ele deriva de *qualis* [latim] que significa o modo de ser característico de alguma coisa, tanto considerado em si mesmo, como relacionado a outro grupo, podendo assim assumir tanto características positivas como negativas. Porém, quando se fala em qualidade de vida, acredita-se que, geralmente, refere-se a algo bom, digno e positivo<sup>28</sup>. Trata-se de um termo que designa uma construção social importante e varia de pessoa para pessoa, grupo para grupo, cultura para cultura<sup>25</sup>.

A qualidade de vida no trabalho (e do trabalhador) tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões sociais. O trabalho, conforme aborda Roeder<sup>27</sup>, ocupa um espaço muito importante na vida das pessoas, ou seja, quase todo mundo trabalha, e uma grande parte da vida é passada dentro de organizações. As características e exigências do trabalho fazem com que sejam necessários vários ajustes psíquicos e físicos por parte do trabalhador para que o sofrimento causado por ele não se desenvolva em um estado patológico. Esse mesmo trabalho, no entanto, não é unicamente uma fonte de doença ou de infelicidade; ao contrário pode ser operador de saúde e de prazer. De qualquer maneira o trabalho nunca é neutro em relação à saúde, favorecendo seja a doença ou o bem-estar<sup>9</sup>.

Algumas profissões têm sido foco de análise dentro dessa temática por apresentarem características peculiares como é o caso dos professores. O trabalho docente vem sofrendo grandes alterações durante a história recente do Brasil, marcadas por uma perda de prestígio social, remuneração injusta, condições de trabalho degradantes, enfraquecimento sindical, dentre outros, sendo que tanto a sua subjetividade como aspectos políticos e sociais precisam de maior compreensão e atenção por parte dos cientistas<sup>11,19, 20</sup>.

No Brasil, um dos estudos mais importante foi realizado por Codo e colaboradores<sup>6,7,8</sup> que investigou a prevalência de síndrome *burnout* numa amostra de 52000 profissionais de educação em 1440 escolas. A síndrome *burnout*, que dentre os sintomas inclui uma grande exaustão emocional, foi identificada em 69,38% dos professores investigados em níveis preocupantes. Os

autores sugerem que a carga no trabalho, conflitos entre trabalho e família, problemas com cooperação no trabalho/relacionamento com a chefia e com os colegas, dentre outros, sejam possíveis causas da síndrome.

No caso dos professores inúmeras causas podem ser apontadas como potenciais para o desenvolvimento da síndrome, como baixos salários, indisciplina dos alunos, grande carga horária, exigências em demasia, percepção de qualificação inferior, problemas de relacionamento com a chefia e com os colegas<sup>8</sup>.

Codo e Gazzatti<sup>6</sup> abordaram que as atividades dos professores exigem um grande investimento de energia afetiva para promover o bem-estar do outro. Nessas atividades quando algo não vai bem, quando as expectativas não são alcançadas e não há um retorno, o profissional pode desenvolver um esgotamento profissional e isso é cada vez mais comum no meio educacional no qual, as relações professor-aluno mudaram fazendo com que o interesse, o respeito e a valorização do trabalho por parte do aluno ficassem aquém do esperado pelo professor.

Segundo Kyriacou<sup>18</sup> a investigação sobre o estresse do professor tornou-se uma importante área de interesse internacional. O autor aponta que existem lacunas de conhecimento sobre o tema e que devem nortear futuras investigações como: acompanhamento individual dos professores na medida em que reformas educativas sejam implementadas (que, ao contrário do que se espera, têm gerando altos níveis de estresse nos professores); investigar o porquê de alguns professores serem capazes de se adaptar com êxito a carreira no magistério mantendo um compromisso com seu trabalho e outros não; esclarecer a natureza e o processo de estresse nos professores relacionando com as demandas do trabalho e com a auto-imagem do professor; avaliar a eficácia de intervenções para reduzir o estresse do professor e investigar o impacto da interação professor-aluno bem como questões de ambiente no estresse.

Em busca nas bases de dados *Scielo*, *PubMed/Medline* e *Lilacs* a partir dos termos “professor/teacher” cruzados com “qualidade de vida/quality of life e saúde/health” foi possível identificar

a recorrente associação entre as condições de trabalho do professor e altas prevalências de morbidades. Priorizaram-se análises de estudos epidemiológicos com amostras representativas e considerou-se estudos publicados a partir de 2003.

### **A voz dos professores**

Uma tendência dos estudos nacionais com professores são as avaliações dos problemas com a voz e, de forma geral, mostraram altas prevalências de disfonias, mas não apresentaram, com exceção do fator carga horária, coerência com relação aos fatores associados com essas disfonias com vistas a medidas de intervenção. Buscando observar a prevalência de disfonia em professores de pré-escola e da escola primária e avaliar fatores e sintomas associados Fuess e Lorenz<sup>14</sup> investigaram de 451 professores (pré-escola e quatro primeiras séries do ensino fundamental) de 66 escolas municipais de Mogi das Cruzes, SP utilizando-se de um questionário próprio para o estudo e exame de telescopia laríngea para os profissionais com problemas constantes de voz. Os autores identificaram que 80,7% dos professores referiram algum grau de disfonia. Não houve relação entre idade, tempo de profissão e classe atendida e frequência referida de disfonia. Não houve associação entre frequência de disfonia e número de fatores extra-profissionais de abuso da voz ou tabagismo. Apesar disso, observaram relação direta entre a frequência de disfonia e a carga horária.

Grillo e Penteado<sup>17</sup> analisaram o impacto da voz na qualidade de vida de professores do Ensino Fundamental de escolas públicas da região de Ribeirão Preto, SP. A investigação foi realizada com 120 professores utilizando-se como instrumento o *Voice-Related Quality of Life Measure*. Verificou-se uma relação entre o tempo de magistério e piores escores no questionário além de associação entre baixa qualidade de vida e problemas de voz com uma propensão a problemas psíquicos e sentimentos negativos.

Penteado e Pereira<sup>21</sup> avaliaram os aspectos associados à qualidade de vida de professores e as relações com questões de saúde vocal. 128 professores de

ensino médio de quatro escolas estaduais de Rio Claro, SP em 2002 foram investigados. Os autores utilizaram o questionário da *World Health Organization Quality of Life/bref (Whoqol-bref)* para avaliação da qualidade de vida geral além de um questionário para análise da qualidade da voz. Os professores apresentaram escore médio de 66 pontos na avaliação da qualidade de vida (escala de zero a 100 pontos) tendo sido considerada pela maioria (65,6%) como “boa” e pela minoria (4,7%) “ruim” ou “muito ruim”. Os maiores valores foram observados no domínio relações sociais e os menores no domínio meio ambiente. Quanto à satisfação com a saúde, 60,2% afirmaram estar “satisfeitos”, enquanto 14,9% consideravam-se “insatisfeitos” ou “muito insatisfeitos”. 54,7% dos professores consideraram o local de trabalho nada ou pouco saudável. 42,2% avaliaram sua voz como boa. Os aspectos associados à qualidade de vida foram oportunidades de lazer, condições financeiras, ambiente de trabalho e acesso à informação. O número de períodos lecionados apresentou correlação positiva e significativa com a auto-avaliação vocal.

A pesquisa publicada por Chiu *et al.*<sup>5</sup> buscou identificar e analisar fatores de riscos para dor de garganta em 672 professores de educação básica de Hong Kong utilizando-se do *Northwick Park Neck Pain Questionnaire* e de um questionário próprio do estudo. Os autores identificaram uma prevalência de dor de garganta de 53,9% para os homens e de 77,8% para as mulheres, sendo que esses sintomas aumentaram após o início da carreira docente. Baixa remuneração e o estresse de trabalho foram os fatores mais significativos para o desenvolvimento da dor de garganta.

### **Profissão docente e carga física e mental**

As avaliações mais frequentes nos estudos com professores foram com relação às condições de trabalho, carga mental e disfunções musculoesqueléticas que mostram a necessidade de adequações ergonômicas urgentes no contexto escolar como mostrado, por exemplo, em uma série de publicações com resultados de análises de professores do estado da Bahia. O estudo publicado por Delcor *et al.*<sup>10</sup> buscou descrever as

condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino da cidade de Vitória da Conquista, BA. Foram investigados 250 professores de educação básica utilizando-se da *Job Content Questionnaire*, do *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20) além de um questionário próprio para o estudo. Os principais pontos negativos apontados pelos professores foram: ritmo acelerado de trabalho (67,9%); posição inadequada e incômoda do corpo (65,4%); atividade física rápida e contínua (63,8%); ritmo frenético de trabalho (54,9%); posições da cabeça e braços inadequadas e incômodas (53,4%) e longos períodos de intensa concentração em uma mesma tarefa (51,9%). As principais queixas de saúde foram relacionadas à postura: dor nos braços/ombro (52,1%), dor nas costas (51,4%) e dor nas pernas/formigamento (47,5%); problemas psicossomáticos ou relacionados à saúde mental: cansaço mental (59,2%) e problemas relacionados ao uso intensivo da voz: dor na garganta (45,7%). Foi identificada uma prevalência de 41,5% de distúrbios psíquicos menores como cansaço mental, esquecimentos, nervosismo e insônia.

Reis *et al.*<sup>24</sup> investigaram a associação entre conteúdo do trabalho (demanda psicológica e controle sobre o trabalho) e a ocorrência de distúrbios psíquicos menores (DPM) entre 808 professores da rede municipal de ensino de Vitória da Conquista, BA utilizando-se por base o modelo demanda-controle. A *Job Content Questionnaire*, o *Self-Report Questionnaire* e um questionário próprio para o estudo foram utilizados. As questões do SRQ-20 com maior frequência de respostas afirmativas foram: “sente-se nervoso, tenso ou preocupado” (78,1%), “você se cansa com facilidade” (59,8%), “assusta-se com facilidade” (59,2%), “tem sensações desagradáveis no estômago” (51,8%), “tem dores de cabeça frequentemente” (51,6%) e “tem se sentido triste ultimamente” (49,1%). Professores com distúrbios psíquicos menores apresentaram carga horária semanal em sala de aula significativamente maior ( $p < 0,0001$ ) que aqueles sem DPM:  $29,6 \pm 10,6$  versus  $26,7 \pm 10,5$ , respectivamente. A prevalência de DPM foi significativamente mais elevada nos professores com alta

demanda (RP=1,39; IC95%: 1,21-1,59), baixo controle (RP=1,22; IC95%: 1,06-1,41) e baixo suporte social (RP=1,27; IC95%: 1,13-1,44).

Também com população de professores de Vitória da Conquista, Porto *et al.*<sup>22</sup> analisaram a associação entre aspectos psicossociais do trabalho e as prevalências de distúrbios psíquicos em professores da educação básica. 1024 professores das escolas públicas municipais e das 10 maiores escolas particulares, em 2001. De acordo com os resultados encontrados houve prevalência de distúrbios psíquicos em 44% dos professores, bem como associação entre presença de distúrbios e as condições de demanda e controle no trabalho. A prevalência estava associada com as exigências do trabalho, sendo que os professores com trabalho de alta exigência apresentaram prevalência 1,5 vezes maior que os com trabalho de baixa exigência.

Em análise publicada com os resultados também de professores de Vitória de Conquista, BA, Reis *et al.*<sup>23</sup> buscaram determinar a prevalência e fatores de risco de cansaço mental e de nervosismo em 808 professores. Utilizaram-se para esta análise a *Job Content Questionnaire*, um questionário próprio para o estudo e um indicador de sobrecarga doméstica. Os autores identificaram que 79,9% dos professores apresentaram alto controle na realização das tarefas e 50,6% tinham trabalho de alta demanda psicológica. Alto suporte social no trabalho foi referido por 59,4% dos professores. Considerando os grupos do Modelo Demanda-Controle, “baixa exigência” correspondeu a 40,3%, “trabalho ativo” a 39,7%, “alta exigência” a 11,2%, e “trabalho passivo” a 8,7%. Quanto às características próprias do trabalho docente houve associação significativa com: lecionar há mais de cinco anos, vínculo empregatício estável, trabalhar na zona urbana, ter carga horária semanal de 35h.

Carlotto e Palazzo<sup>3</sup> buscaram identificar o nível da síndrome de *burnout*, verificando possíveis associações com variáveis demográficas, laborais e fatores de estresse percebidos no trabalho em 190 professores de escolas particulares de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, RS. Como instrumentos de coleta de dados

foram utilizados a *Maslach Burnout Inventory* além de um questionário próprio para o estudo. Em relação aos índices de *burnout* (considerando uma escala de 1 a 5) a exaustão emocional foi a dimensão que atingiu maior índice médio (2,30), seguida pela dimensão da diminuição da realização pessoal no trabalho (1,63), e a despersonalização (1,49). Foi encontrada associação entre a exaustão emocional e o número de alunos e a carga horária docente, indicando que quanto maior o número de alunos ( $r=0,195$ ) e o número de horas trabalhadas ( $r=0,157$ ) por um professor, maior tende a ser o seu escore dessa dimensão. Mau comportamento dos alunos, expectativas familiares e pouca participação nas decisões institucionais foram os fatores de estresse que apresentaram associação com as dimensões de *burnout*.

Gasparini *et al.*<sup>15</sup> buscaram apresentar as prevalências de transtornos mentais em professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, MG e investigar a associação com as características do trabalho docente. Os pesquisadores analisaram dados de 751 professores do ensino fundamental de 26 escolas municipais de Belo Horizonte, MG utilizando-se do *General Health Questionnaire* e de um questionário próprio para o estudo. A prevalência de transtornos mentais foi de 50,3%. Além disso, foi encontrada associação forte entre a prevalência de transtornos mentais e todas as variáveis de trabalho analisadas (experiência com a violência, condições, conforto no trabalho, condições organizacionais, margem de autonomia, de criatividade e tempo no preparo das aulas).

Gasparine *et al.*<sup>16</sup> em outra análise investigaram o perfil dos afastamentos do trabalho por motivos de saúde de uma população de profissionais da educação de Belo Horizonte, MG. Esta pesquisa documental foi realizada tendo como texto base o Relatório da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte de 2003. A análise dos dados foi de 16.556 atendimentos de servidores da educação no período de maio de 2001 a abril de 2002. 92% (15.243) dos atendimentos provocaram afastamento do trabalho. Os transtornos psíquicos ocuparam o primeiro lugar entre os diagnósticos que provocaram os afastamentos (15%). Em segundo lugar, estavam os

afastamentos por doenças do aparelho respiratório (12%) e, em terceiro, as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (11%).

Em estudo conduzido com 242 professores da rede municipal de ensino de Natal<sup>12</sup> foi verificado por meio do *Whoqol-bref* que os domínios da qualidade de vida com percepção mais negativa foram o ambiente e o físico já o domínio das relações sociais mostrou com escores superiores na avaliação da qualidade de vida. No mesmo estudo analisou-se o estresse relacionado ao trabalho pelo modelo de demanda-controle utilizando-se da *Job Content Questionnaire* e verificou-se que os professores em situação de trabalho ativo e de alta-demanda apresentaram maiores comprometimentos na qualidade de vida.

A ocorrência de sintomas osteomusculares em professores do Ensino Fundamental foi avaliada por Carvalho e Alexandre<sup>4</sup>. Participaram do estudo 150 professores municipais e estaduais do ensino fundamental de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Foram aplicados o Questionário Nórdico (para avaliar os sintomas musculoesqueléticos) e um questionário próprio para o estudo com inventário sobre dados gerais e ocupacionais. Os autores identificaram que 90,4% dos professores apresentaram sintomas osteomusculares, principalmente nas regiões lombar (63,1%), torácica (62,4%), cervical (59,2%), ombros (58,0%) e punhos e mãos (43,9%). Em relação à prevalência nos últimos sete dias, as áreas corporais mais citadas foram ombros (29,9%), cervical (28,7%), lombar (27,4%), torácica (27,4%) e punhos e mãos (14,6%). Constatou-se que a chance de apresentar sintomas musculoesqueléticos mostrou também associação significativa com o tempo de atuação profissional inferior ou igual a 15 anos (OR = 3,7, IC à 95% = 1,01 - 13,7).

Chiu *et al.*<sup>5</sup> investigaram a prevalência e fatores de risco dores no pescoço e membros superiores entre professores. 3100 professores de 460 escolas de diferentes regiões de Hong Kong foram estudados por meio do *Northwick Park Neck Pain Questionnaire* para identificação de dores no pescoço e membros superiores. A prevalência de dor de pescoço foi de 69,3% e de dores nos membros superiores de 35,8%. Escrever no quadro,

correção de tarefas e uso do computador foram apontadas como principais causas. Os fatores de risco que se apresentaram significativos para as dores foram idade, postura, carga de trabalho e ser do sexo feminino.

### **A violência na escola e a saúde dos professores**

Embora alguns estudos nacionais tenham identificado questões relacionadas à influência da violência na escola com os desfechos em saúde dos professores, análises mais específicas desta variável foram observadas em estudos com amostras estrangeiras. A investigação de Bauer *et al.*<sup>2</sup> buscou investigar as relações entre a síndrome de *burnout* e sintomas psicológicos e características do trabalho de 408 professores de educação básica da cidade Freiburg, Alemanha. Os autores utilizaram um inventário de identificação de *burnout* traduzido para o alemão e o SLC90R *questionnaire* para identificação da carga e sintomas psicossomáticos. A prevalência de *burnout* encontrada foi de 32,5%. Os índices de *burnout* foram significativamente maiores entre mulheres, professores divorciados e que trabalham em meio período. O número de alunos e comportamento agressivo dos estudantes foram apontados pelos professores com as principais causas de desconforto psicológico. 20% dos educadores apresentaram grau elevado de tensão psicológica e sintomas psicossomáticos. O comportamento agressivo dos alunos foi apontado como o fator primário de tensão psicológica.

Fisher e Kettl<sup>13</sup> analisaram a percepção de violência na escola em 393 professores de educação básica da Pennsylvania, EUA utilizando-se de um questionário próprio para o estudo. Os resultados apontam que 56% dos professores consideram que a violência na escola (tanto de alunos como de pais) interfere de forma significativa na prática pedagógica e na saúde dos professores. 76% acreditam haver a necessidade de intervenções na escola para conter a violência; 24% dos professores já foram assaltados por alunos; 52% foram ameaçados por alunos. A falta de supervisão familiar e uso de drogas e a formação de grupos forma apontadas como as principais causas da violência.

A investigação de Virtanen *et al.*<sup>30</sup> teve a intenção de investigar a associação do nível socioeconômico da vizinhança do ambiente de trabalho e das condições de trabalho com a saúde de professores. 1862 professores de educação básica da Finlândia foram analisados. Os registros do empregador das escolas e um censo do nível socioeconômico da vizinhança da escola foram utilizados como instrumentos de investigação. Professores que trabalham nas escolas das vizinhanças com o nível econômico mais baixo apresentaram consumo de álcool e probabilidade de desordens mentais significativamente mais elevadas que aqueles que trabalham nas escolas situadas mais ricas das vizinhanças. Após controlar para o nível socioeconômico da própria área residencial do professor, somente o consumo pesado do álcool permaneceu significativo. Os professores que trabalham nas escolas com nível socioeconômico mais baixo relataram também uma frequência mais baixa de reuniões de trabalho e de treinamento.

### **Saúde e qualidade de vida dos professores de ensino superior**

Embora as principais preocupações com a qualidade de vida e saúde estejam focadas na educação básica, alguns estudos mostram que também no magistério do ensino superior a preocupação com a promoção da qualidade de vida dos professores é pertinente. Avaliar a associação entre problemas psíquicos, ambiente de trabalho e variáveis sociodemográficas e de personalidade de 498 professores universitários da cidade de Granada na Espanha foi o objetivo do estudo de Moreno-Abril *et al.*<sup>19</sup>. Os autores utilizam um questionário próprio para o estudo, o *Temperament Inventory* e o *General Health Questionnaire*. A prevalência de problemas psíquicos encontrada foi de 33% e esteve associada à qualificação mais alta, maior experiência e ter recebido agressões físicas ou verbais de alunos.

Rocha e Felli<sup>26</sup> em um estudo com 15 professores do curso de enfermagem da Universidade Católica de Santos buscaram conhecer o significado e os processos desgastantes e potencializadores da qualidade de vida no

trabalho, geradores de seu perfil saúde-doença utilizando uma entrevista estruturada como instrumento para a captação dos dados, segundo as categorias empíricas pré-definidas por estudo em amostra similar. Verificaram que qualidade de vida no trabalho tem como significado marcante as condições de trabalho, identificação profissional e relacionamento interpessoal. No perfil saúde-doença os fatores desgastantes sobrepõem-se aos fatores potencializadores. Baixos salários, regime de trabalho muito intenso não dando tempo a pesquisa, dificuldades didático-pedagógicas e interferência na vida familiar são alguns aspectos identificados pelos professores como condições desgastantes da qualidade de vida. Além disso, reações psicossomáticas ou psicoemocionais (ansiedade, cansaço extremo, crises de choro, etc.) afetam 100% do grupo. Os autores abordam que o processo pedagógico de ensinar pode gerar tanto tensões como satisfação sendo a relação professor-aluno um importante determinante para a potencialização do prazer em prol do desgaste do trabalhador.

Araújo *et al.*<sup>1</sup> buscando investigar a adequação do *Job Content Questionnaire* para uso em estudos de estresse ocupacional de grupos de trabalhadores no contexto brasileiro avaliaram 314 professores (censo de professores) da Universidade Estadual de Feira de Santana. Os autores aplicaram a *Job Content Questionnaire* e a *Self-Reporting Questionnaire*. A prevalência de distúrbios psíquicos menores (DPM) foi de 19,1%. A demanda psicológica do trabalho mostrou forte associação com a ocorrência de DMP. Os professores que referiram alta demanda apresentaram 3 vezes mais DPM do que aqueles com baixa demanda. Conforme os quadrantes do Modelo Demanda-Controle, o quadrante de alta exigência concentrou as mais elevadas prevalências de distúrbios psíquicos menores. Elevadas prevalências de DPM no quadrante de trabalho ativo, revelam que o trabalho realizado em alta demanda, ainda que em situação de alto controle, pode ser prejudicial à saúde psíquica dos indivíduos. Entre os professores não houve nenhum caso suspeito de DPM no quadrante de baixa exigência.

## Conclusões

A maior parte dos estudos epidemiológicos encontrada nas bases de dados analisadas foi com amostras brasileiras, apesar disso, muitas realidades nacionais ainda não foram investigadas, especialmente nas regiões centro oeste e norte. As pesquisas, no geral, focaram suas análises nos possíveis desfechos psíquicos decorrentes das altas demandas do trabalho docente. Altas prevalências *burnout*, distúrbios psíquicos menores e problemas osteomioarticulares e com a voz foram observadas e mostraram importantes associações com as condições de trabalho, como, por exemplo, altas cargas horárias, número excessivo de alunos e o tempo de magistério. A violência na escola parece ser um tema que necessita maiores investigações junto à realidade brasileira bem como ampla discussão na sociedade e medidas urgentes de intervenção. A revisão mostrou uma lacuna na literatura no que tange a políticas públicas e implementação de intervenções no ambiente escolar e na organização do trabalho dos professores sendo encontrados são em sua maioria de levantamento e descrição da realidade.

## Referências

1. Araújo TM, Graça TM, Araújo E. Estresse ocupacional e saúde: contribuições do Modelo Demanda-Controle. **Cienc Saúde Coletiva** 2003;8(4):991-1003.
2. Bauer J, Stamm A, Virnich K, Wissing K, Muller U, Wirsching M. Correlation between burnout syndrome and psychological and psychosomatic symptoms among teachers. **Int Arch Occup Environ Health** 2006;79:199-204.
3. Carlotto MS, Palazzo LS. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Cad Saúde Pública** 2006;22(5):1017-1026.
4. Carvalho AJFP, Alexandre NMC. Sintomas osteomusculares em professores do ensino fundamental. **Rev Bras Fisioterapia** 2006;10(1):35-41.
5. Chiu TW, Lau KT, Ho CW, Ma MC, Yeung TF, Cheung PM. A study on the prevalence of and risk factors for neck pain in secondary school teachers. **Public Health** 2006;120:563-565.
6. Codo W, Gazzotti AA. Trabalho e afetividade. In: Codo W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes; 1999. p. 48-59.
7. Codo W, Vasques-Menezes I. Trabalho docente e sofrimento: burnout em professores. In: Azevedo JC,

- Gentili O, Krug A, Simon C. **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/Secretaria Municipal de Educação; 2000. p. 369-82.
8. Codo W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes; 1999.
9. Dejours C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.
10. Delcor NS, Araújo TM, Reis EJFB, Porto LA, Carvalho FM, Silva, MO, Barbalho L, Andrade JM. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cad Saúde Pública** 2004;20(1):187-196.
11. Esteve JM. Mudanças sociais e função docente. In: Nóvoa A. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora; 1995. p. 95-120.
12. Fernandes MH, Rocha VM. Impact of the psychosocial aspects of work on the quality of life of teachers. **Rev Bras Psiquiatr** 2009;31(1):15-20.
13. Fischer K, Kettl P. Teachers' perceptions of school violence. **J Pediatr Health Care** 2003;17(2):79-83.
14. Fuess VLR, Lorenz MC. Disfonia em professores do ensino municipal: prevalência e fatores de risco. **Rev Bras Otorrinolaringol** 2003;69(6):807-812.
15. Gasparini SM, Barreto SM, Assunção AA. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educ Pesqui** 2005;31(2):189-199.
16. Gasparini SM, Barreto SM, Assunção AA. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cad Saúde Pública** 2006; 22(12):2679-2691.
17. Grillo MHMM, Penteado RZP. Impacto da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. **Pró-fono** 2005;17(3):321-330.
18. Kyriacou C. Teacher stress: directions for future research. **Educ Rev** 2001;53(1):27-35.
19. Moreno-Abril O, Luna-del-Castillo Jde D, Fernández-Molina C, Jurado D, Gurpegui M, Lardelli-Claret P, Gálvez-Vargas R. Factors associated with psychiatric morbidity in Spanish schoolteachers. **Occup Med (Lond)** 2007;57(3):194-202.
20. Odelius CC, Ramos F. Remuneração, renda, poder de compra e sofrimento psíquico do educador. In: Azevedo JC, Gentili P, Krug A, Simon C. **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/Secretaria Municipal de Educação; 1999. p. 338-54.
21. Penteado RZ, Pereira IMTP. Qualidade de vida e saúde vocal de professores. **Rev Saúde Pública** 2007;41(2):236-243.
22. Porto LA, Oliveira NF, Neto AMS, Araújo TM, Reis EJFB, Delcor NS. Associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho de professores. **Rev Saúde Pública** 2006;40(5):818-826.
23. Reis EJEB, Araújo TM, Carvalho FM, Barbalho L, Silva MO. Docência e exaustão emocional. **Educ Soc** 2006;27(94):229-253.
24. Reis EJFB, Carvalho FM, Araújo TM, Porto LA, Neto AMS. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cad Saúde Pública** 2005;21(5):1480-1490.
25. Renwick, R. & Brown, I. The Center for health promotion's conceptual approach to quality of life. In: Renwick R, Brown I, Nagler M. **Quality of life in health promotion and rehabilitation: conceptual approaches, issues and applications**. California: Sage Publications; 1996. p. 75-86.
26. Rocha SSL, Felli VEA. Qualidade de vida no trabalho docente em enfermagem. **Rev LatAm Enfermagem** 2004;12(1):28-35.
27. Roeder MA. **Atividade física, saúde mental & qualidade de vida**. Rio de Janeiro: Shape; 2003.
28. Santin S. **Cultura corporal e qualidade de vida**. Kinesis 2002; 27: 116-86.
29. Sella, C. A. Retratos de um professor em crise: os docentes em tempos de mudança [dissertação de mestrado]. Joaçaba: Setor de Área das Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Oeste de Santa Catarina; 2006.
30. Virtanen M, Kivimaki M, Elovainio M, Linna A, Pentti J, Batear J. Neighbourhood socioeconomic status, health and working conditions of school teachers. **J Epidemiol Community Health** 2007;61(4):326-330.